

Ciência

Com pés no gelo

Pesquisas integram Brasil à comunidade antártica

Ao rumar a proa do navio oceanográfico *Barão de Teffé* para a Antártida no próximo dia 15, o comandante da embarcação estará levando pela primeira vez ao continente gelado um grupo de pesquisadores brasileiros que já podem ser chamados de veteranos na área. Na semana passada, num seminário promovido pela Universidade de São Paulo (USP), os integrantes das duas expedições científicas anteriores, realizadas em 1982 e no ano passado, exibiram publicamente o resultado das pesquisas efetuadas na Antártida. O balanço mostrou-se positivo. Como forma de reconhecimento da produção científica brasileira, o Comitê Científico para Pesquisa Antártica, organismo internacional que avalia as atividades de pesquisa desenvolvidas na área, anunciou ter aceito o Brasil como membro efetivo. "Trata-se de um aval valiosíssimo", exulta o geólogo Antônio Carlos Rocha Campos, 47 anos, coordenador do programa brasileiro na Antártida.

As pesquisas abriram também para o



COROLANO DIAS NETO

Pesquisadores brasileiros na paisagem gelada da Antártida: de olho no futuro

Brasil as portas da exploração das riquezas minerais da Antártida. O país ganhou assento no plenário do Tratado Antártico, entidade internacional que em 1991 disciplinará as atividades econômicas na área. Até lá os mares da região estão abertos à pesca. A espécie de maior interesse, o krill — minúsculo crustáceo parecido com o camarão e riquíssimo em proteínas —, mereceu

a atenção dos brasileiros. Eles estudaram o plâncton, comunidade de microscópicos organismos que servem de alimento ao krill, e constataram que sua concentração na água pode baixar repentinamente a níveis insuspeitados, colocando em risco a sobrevivência do crustáceo. "Talvez já seja hora de se pensar em controlar a pesca do krill", diz Campos.